

SUIÇA
O misterioso
ataque à brasileira

PRESENTE DE DILMA
Ela quer promover a assessora acusada
de criar o dossiê contra FHC

PROFESSORES
Eles tiraram nota vermelha.
E estão dando aula

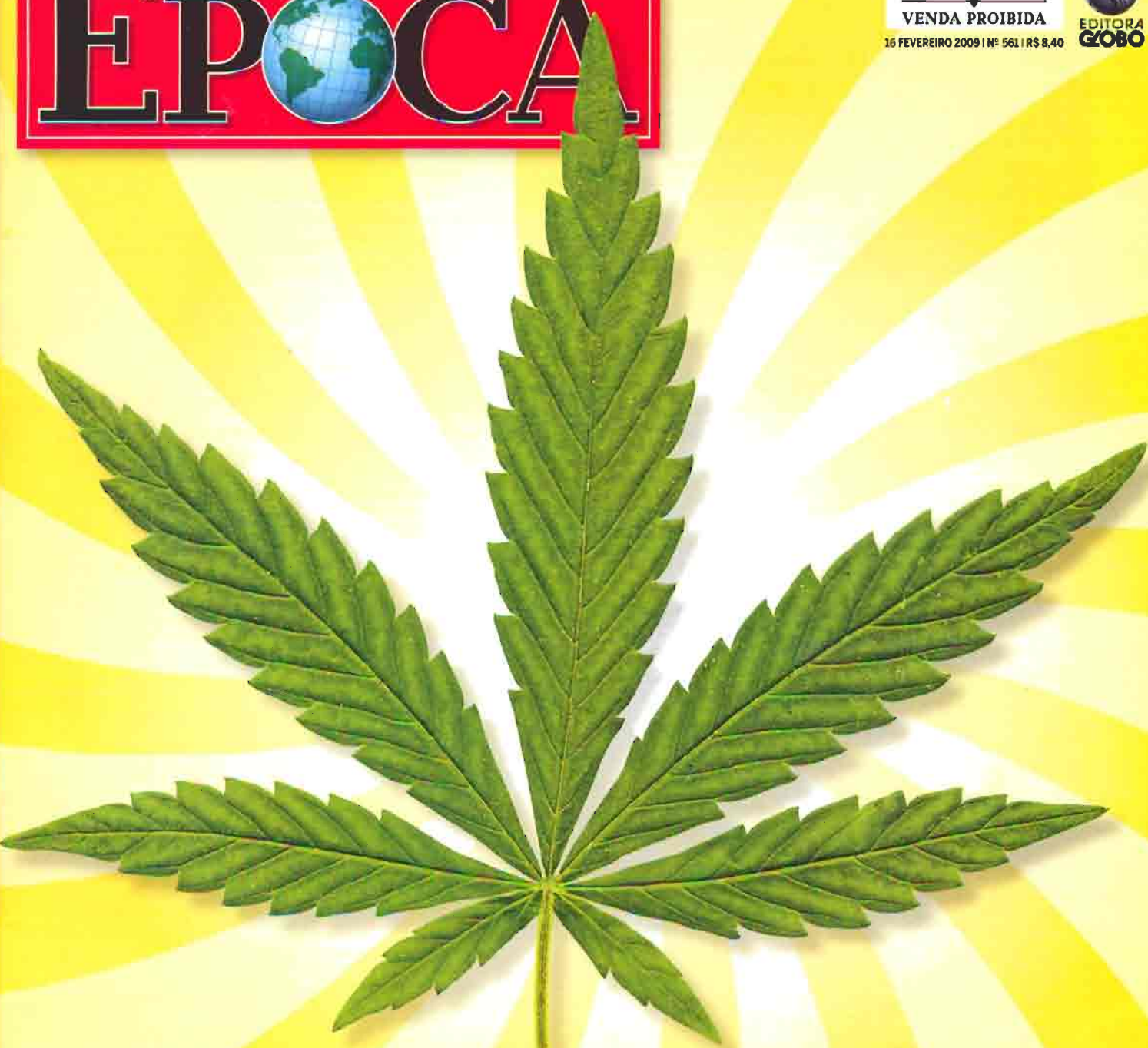
US\$ 6,00

www.epoca.com.br

ÉPOCA



EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA
16 FEVEREIRO 2009 | Nº 561 | R\$ 8,40



Maconha

Por que é preciso debater a legalização do uso da droga



HORA DE LEGALIZAR?

Ruth de Aquino

Por que um grupo cada vez maior de políticos e intelectuais - entre eles o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso - defende a legalização do consumo pessoal de maconha

Fumar maconha em casa e na rua deveria ser legal? Legal no sentido de lícito e aceito socialmente, como álcool e tabaco? O debate sobre a legalização do uso pessoal da maconha não é novo. Mas mudaram seus defensores. Agora, não são hippies nem pop stars. São três ex-presidentes latino-americanos, de cabelos brancos e ex-professores universitários, que encabeçam uma comissão de 17 especialistas e personalidades: o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, do Brasil, de 77 anos, e os economistas César Gaviria, da Colômbia, de 61 anos, e Ernesto Zedillo, do México, de 57 anos. Eles propõem que a política mundial de drogas seja revista. Começando pela maconha. Fumada em cigarros, conhecidos como “baseados”, ou inalada com cachimbos ou narguilés, a maconha é um entorpecente produzido a partir das plantas da espécie *Cannabis sativa*, cuja substância psicoativa – aquela que, na gíria, “dá barato” – se chama cientificamente tetraidrocannabinol, ou THC.

Na Comissão Latino-Americana sobre Drogas e Democracia, reunida na semana passada no Rio de Janeiro, ninguém exalta as virtudes da erva, a não ser suas propriedades terapêuticas para uso medicinal. Os danos à saúde são reconhecidos. As conclusões da comissão seguem a lógica fria dos números e do mercado. Gastam-se bilhões de dólares por ano, mata-se, prende-se, mas o tráfico se sofisticava, cria poderes paralelos e se infiltra na polícia e na política. O consumo aumenta em todas as classes sociais. Desde 1998, quando a ONU levantou sua bandeira de “um mundo livre de drogas” – hoje considerada ingenuidade ou equívoco –, mais que triplicou o consumo de maconha e cocaína na América Latina.

Em março, uma reunião ministerial na Áustria discutirá a política de combate às drogas na última década. Espera-se que o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, modifique a posição conservadora histórica dos Estados Unidos. A questão racial pode influir, já que, na população carcerária americana, há seis vezes mais negros que brancos. Os EUA gastam US\$ 35 bilhões por ano na repressão e, em pouco mais de 30 anos, o número de presos por envolvimento com drogas decuplicou: de 50 mil, passou a meio milhão. A cada quatro prisões no país, uma tem relação com drogas. No site da Casa Branca, Obama se dispõe a apoiar a distribuição gratuita de seringas para proteger os viciados de contaminação por aids. Alguns países já adotam essa política de “redução de danos”, mas, para os EUA, o cumprimento dessa promessa da campanha eleitoral representa uma mudança significativa.

A Colômbia, sede de cartéis do narcotráfico, foi nos últimos anos um laboratório da política de repressão. O ex-presidente Gaviria afirmou, no Rio, que seu país fez de tudo, tentou tudo, até violou direitos humanos na busca de acabar com o tráfico. Mesmo com a extradição ou o extermínio de poderosos chefões, mesmo com o investimento de US\$ 6 bilhões dos Estados Unidos no Plano Colômbia, a área de cultivo de coca na região andina permanece com 200 mil hectares. “Não houve efeito no tráfico para os EUA”, diz Gaviria.

Há 200 milhões de usuários regulares de drogas no mundo. Desses, 160 milhões fumam maconha. A erva é antiga – seus registros na China datam de 2723 a.C. –, mas apenas em 1960

a ONU recomendou sua proibição em todo o mundo. O mercado global de drogas ilegais é estimado em US\$ 322 bilhões. Está nas mãos de cartéis ou de quadrilhas de bandidos. Outras drogas, como o tabaco e o álcool, matam bem mais que a maconha, mas são lícitas. Seus fabricantes pagam impostos altíssimos. O comércio é regulado e controla-se a qualidade. Crescem entre estudiosos duas convicções. Primeira: fracassou a política de proibição e repressão policial às drogas. Segunda: somente a autorregulação, com base em prevenção e campanhas de saúde pública, pode reduzir o consumo de substâncias que alteram a consciência. Liderada pelos ex-presidentes, a comissão defende a descriminalização do uso pessoal da maconha em todos os países. “Temos de começar por algum lugar”, diz FHC. “A maconha, além de ser a droga menos danosa ao organismo, é a mais consumida. Seria leviano incluir drogas mais pesadas, como a cocaína, nessa proposta.”

O que pode parecer a conservadores uma tremenda ousadia não passa, na verdade, de um gesto simbólico do continente produtor de drogas, a América Latina. Um gesto com os olhos voltados para o Norte, o hemisfério consumidor por excelência. Nos Estados Unidos, ainda se encarceram usuários na maioria dos Estados, e a Europa faz vista grossa ao consumo, mas não muda sua legislação. A comissão latino-americana acha “imperativo retificar a estratégia de guerra às drogas dos últimos 30 anos”. Nosso continente continua sendo o maior exportador mundial de cocaína e maconha, mas produz cada vez mais ópio e heroína e debuta na produção de drogas sintéticas. Um maior realismo no combate às drogas, sem preconceito ou visões ideológicas, ajudaria a reduzir danos às pessoas, sociedades e instituições.

Há quem discorde dessa visão, com base em argumentos também poderosos. Com a liberação do consumo da maconha, mais gente experimentaria a droga. Isso aumentaria o número de dependentes e mais gente sofreria de psicoses, esquizofrenia e dos males associados a ela. Mais gente morreria vítima desses males. “Como a maconha faz mal para os pulmões, acarreta problemas de memória e, em alguns casos, leva à dependência, não deve ser legalizada”, afirma ►



EXPERIÊNCIA

Os ex-presidentes Ernesto Zedillo, César Gaviria e Fernando Henrique (da esq. para a dir.), em encontro no Rio, na semana passada. Eles defenderam a revisão das leis contra as drogas e a descriminalização da posse de pequenas quantidades de maconha



Elisaldo Carlini, médico psicofarmacologista que trabalha no Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas (Cebrid). “Legalizá-la significaria torná-la disponível e sujeita a campanhas de publicidade que estimulariam seu consumo.”

“A lei sempre pode melhorar, mas sou contra esse tipo de mudança”, diz o deputado estadual Edson Ferrarini (PTB-SP), que há 36 mantém uma entidade de recuperação de dependentes de drogas. “Nossa legislação já é atualizada. Hoje, não existe ninguém preso por fumar maconha. O problema é que 90% das pessoas envolvidas com drogas como cocaína, heroína e crack começaram com maconha. E, no Brasil, as pessoas começam cedo nas drogas.” Para ele, assim como para a ONU ou para o governo americano, controlar a oferta das drogas por meio de políticas de segurança e do combate ao tráfico e ao

consumo é a melhor forma de combater os danos que elas causam à saúde.

Esse tipo de política de controle de drogas tem origem no desejo bem-intencionado de proteger o bem-estar humano. O cientista político holandês Martin Jelsman, que trabalha para o Transnational Institute, elaborou um estudo em abril de 2008, em que explora as tendências na União Europeia e nas Nações Unidas. “A frase inicial do primeiro tratado de controle de drogas da ONU, em 1961, fala da preocupação pela saúde física e moral da humanidade.” De lá para cá, escreve Jelsman, a economia das drogas ilícitas cresceu exponencialmente até chegar à estabilização dos mercados em princípios dos anos 90. A estratégia de combate levou a uma guerra, cujos extremos foram as operações militares contra os pequenos agricultores de cultivos ilícitos, a fumigação química de cultivos ligados às drogas, o encarceramento em

massa de usuários e pequenos distribuidores e até a pena de morte para os transgressores em alguns países. “A proibição das drogas ilícitas pôs o mercado desse lucrativo comércio em mãos de organizações criminosas e criou enormes fundos ilegais que estimulam a corrupção e os conflitos armados em todo o mundo”, diz Jelsman. Vista desse ângulo, a política atual de repressão parece suicida. O foco no desperdício de recursos que ela representa foi ressaltado por um dos pensadores liberais mais influentes no mundo. O economista Milton Friedman (1912-2006) apoiou estudos da Universidade Harvard que mostram que, se a maconha fosse liberada e legalizada, em vez de se gastar uma fortuna com a proibição, haveria um ganho potencial de US\$ 7,7 bilhões por ano e de US\$ 6,2 bilhões em taxas para investimento em saúde pública. Trata-se de um potencial de arrecadação comparável ao do tabaco.

Liberar ou não?

Vidas e recursos seriam economizados com a legalização das drogas, mas o número de viciados seria maior



A favor

- Menos pessoas morreriam no combate ao tráfico
- Centenas de bilhões gastos todo ano por governos do mundo todo com a repressão às drogas poderiam ser investidos em outras áreas
- Poderia haver redução da criminalidade, pois muitos crimes são cometidos para financiar o tráfico
- Haveria menos presos apenas por uso de drogas e, portanto, haveria mais espaço nas cadeias para criminosos perigosos
- Poderia haver maior controle de qualidade das drogas, o que reduziria o número de mortes



Contra

- As violentas disputas entre traficantes pelo mercado de drogas não terminariam
- Com mais viciados, poderia haver um aumento no número de crimes cometidos, em busca de dinheiro para sustentar o vício
- Poderia haver um aumento no número de dependentes, pois as drogas seriam mais baratas e acessíveis
- Grandes indústrias poderiam distribuir drogas e, como fazem com cigarros ou álcool, incentivar seu consumo
- Os sistemas públicos de saúde gastariam mais com o tratamento dos dependentes

Em vez disso, a política dos EUA em relação às drogas vem custando fortunas ao contribuinte americano. Cresceu de US\$ 10 bilhões, nos anos 80, para US\$ 35 bilhões anuais. “É um fracasso como custo-benefício. Taxar as drogas e fornecer assistência à saúde do usuário é o caminho adequado. Todas as drogas que alteram o comportamento da mente devem ser controladas, exatamente como o álcool, com restrições de venda de acordo com lugares e horários e, obviamente, jamais a menores”, diz o juiz federal americano Robert Sweet, de Nova York. Para Sweet, proibir a ingestão de certas substâncias fere o direito individual garantido na Constituição americana. Naturalmente, a comissão que se reuniu no Rio ficou aquém dessa posição. Sua resolução final ratifica uma tendência mundial: quase ninguém, hoje, defende a prisão ou a punição de usuários de maconha. Na Colômbia, o país dos cartéis de cocaína, desde 1994 o consumo público e discreto de maconha é regulado por lei. ▶

Como elas agem

Os efeitos das drogas no corpo e no comportamento



Maconha

Os olhos ficam vermelhos, o apetite aumenta, o coração bate mais rápido e a boca fica seca. O tempo parece fluir mais devagar, os reflexos e a coordenação motora são prejudicados. Fica difícil expressar um pensamento em palavras



Cocaína

Aumenta a frequência cardíaca, a pressão arterial e causa excitação e ansiedade: melhora o estado de alerta, os movimentos e acelera pensamentos. A pessoa tem uma intensa sensação de poder, mas fica irrequieta



Crack

Faz efeito no cérebro cerca de dez segundos depois que sua fumaça é aspirada. Causa excitação, euforia, acelera a respiração. Em seguida, causa depressão, paranoia e forte síndrome de abstinência. Vicia mais rápido que as outras drogas e pode matar em menos tempo



LSD

As pupilas ficam dilatadas, a pessoa começa a suar muito, não sente sono e treme. Causa alucinações que duram até seis horas: a pessoa pode ver, ouvir e sentir coisas que não existem. Essas sensações podem ser boas ou desagradáveis, angustiantes



Ecstasy

É uma droga sintética que causa, ao mesmo tempo, alucinações (como o LSD) e efeitos estimulantes (como a cocaína). Provoca um perigoso aumento na temperatura do corpo, aumento da pressão arterial, dos batimentos cardíacos e pode causar desidratação



Heroína

Injetada na corrente sanguínea, produz em sete a oito segundos uma injeção avassaladora de euforia, prazer intenso e bem-estar. Em seguida, a pessoa entra em um estado de letargia, em que se sente flutuando. Apenas cerca de 30% dos viciados se curam



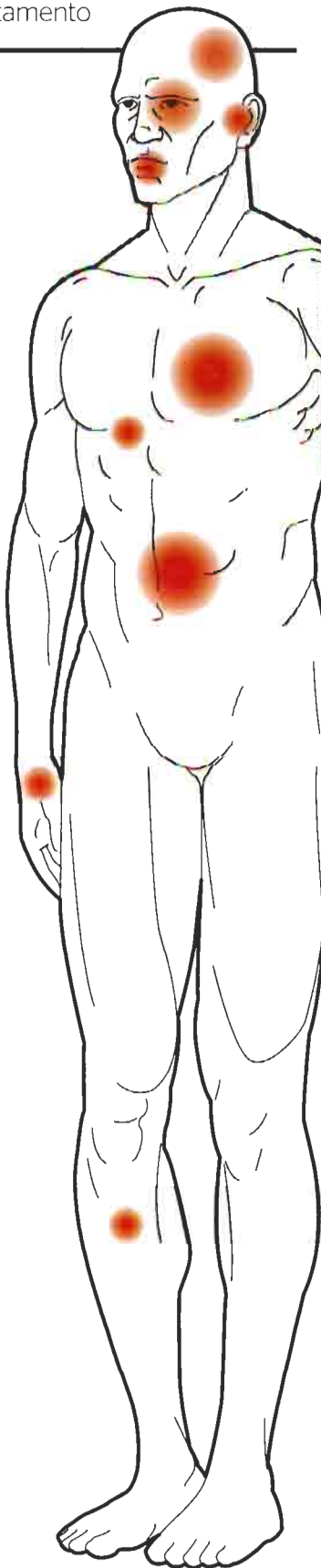
Álcool

Pode apenas reduzir a inibição e causar euforia, mas, dependendo da quantidade, pode reduzir a capacidade de julgamento, prejudicar os reflexos, a coordenação motora, provocar visão dupla e até levar ao estado de coma



Tabaco

Nove segundos depois de ser tragada, a nicotina do tabaco atinge o cérebro, estimula o cérebro e reduz o apetite. Aumenta os batimentos cardíacos e a pressão arterial



As drogas pelo mundo

Os países da Europa Ocidental são mais tolerantes com a maconha e as drogas em geral



Ásia

China - Mantém uma política de tolerância zero. Os traficantes são

condenados à morte e os viciados são obrigados por lei a seguir programa de desintoxicação

Taiilândia - Não há tolerância. O tráfico de drogas também pode ser punido com a pena de morte. Traficantes menores podem ser condenados a cumprir penas em campos de serviço militar



Europa

Holanda - Foi o primeiro país a liberar o uso da maconha, em 1976.

O consumo em bares especiais é liberado, mas a venda fora deles é proibida. Os consumidores de heroína não são presos, mas encaminhados para tratamento

Alemanha, Espanha e Itália - descriminalizaram o uso da maconha recentemente. Como a Holanda, a Alemanha mantém programas de distribuição de seringas entre viciados em drogas injetáveis, para reduzir os casos de aids

Inglaterra - Desde 2002 a maconha é considerada droga de baixo risco, que não leva à prisão. Mas, em 2008, o governo começou a estudar um novo endurecimento em sua política

Dinamarca e Suíça - São tolerantes com o uso de maconha e, como a Holanda, mantêm programas de apoio a viciados em heroína

Suécia - Tem uma lei conservadora, que não distingue a maconha das outras drogas. O consumo de qualquer droga é considerado perigoso e reprimido pela polícia



América

Estados Unidos - Em alguns Estados, como Massachusetts, não

é crime usar maconha. Em outros, como o Oregon, a maconha pode ser usada em tratamentos médicos. Mas a política nacional é de repressão



Oceania

Austrália - Liberou o consumo da maconha e criou até salas

especiais para viciados em heroína



No Brasil, a legislação continua ambígua em relação ao consumo nos espaços públicos. Em outubro de 2006, entrou em vigor no país a Lei Antidrogas nº 11.343. “É mais uma reforma de caráter simbólico, já que não diferencia a figura do experimentador, ocasional consumidor ou usuário frequente de entorpecentes”, afirma Kátia Tavares, da Comissão de Direito Penal do Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB). “O atual texto não deixa de criminalizar a conduta do porte para consumo pessoal, pois prevê como pena a prestação de serviços à comunidade, além de fixar medida educativa semelhante a um castigo, imposta pelo juiz criminal.” Não seria oportuno, pergunta Tavares, que o consumo próprio de drogas fosse examinado pelo Ministério da Saúde? “Descriminalizar a conduta da posse para uso próprio é uma medida urgente. Isso não significa a legalização das drogas”, afirma ela.

No início do mês, quatro policiais, em três triciclos, detiveram jovens que fumavam maconha no Posto 9, na Praia de Ipanema, no Rio de Janeiro. Os policiais foram vaiados e houve tumulto. No Brasil, o usuário não pode, pela legislação, ser preso. Mas o policial pode levá-lo para a delegacia e fichá-lo por consumir uma droga ilícita, condenando-o a trabalhos comunitários. Ou pode achacá-lo. Porque, ao fumar um baseado, ele continua cometendo um crime. “Há uma brecha na lei que precisa ser mais bem explicada ou reescrita”, diz o general Alberto Cardoso, da Secretaria Nacional Antidrogas (Senad). “Deter ou não o usuário de maconha ainda depende do árbitro ou da educação dos policiais brasileiros.” A comissão propõe que se mude a maneira de enxergar o consumidor de maconha. Ele deixaria de ser um infrator.

O ex-presidente FHC acha “exagerada” a punição ao recordista olímpico Michael Phelps, suspenso por três meses por inalar maconha num cachimbo de água, em festa particular – caso estivesse bebendo um copo de destilado, Phelps receberia no máximo uma advertência. “Mas não gostei da fotografia dele”, diz FHC. As oito medalhas de ouro de Phelps e seu pedido público de desculpas não foram suficientes para livrá-lo da suspensão e da perda de um patrocinador, a Kellogg’s. Em enquete feita por epoca.com.br, quase 7 mil votaram: 68% a favor da punição ao atleta; 32% contra. A maioria da população continua refratária a discutir drogas, como se a ausência do debate pudesse eliminar o problema. A comissão de ex-pres-



sidentes e personalidades defende debates honestos e francos. E continua a defender a repressão ao crime organizado. Lugar de traficante, para eles, é a cadeia. As famílias, as escolas, as igrejas precisam encorajar o debate, sem tabus, porque a guerra às drogas, de acordo com eles, não deu certo.

Enquanto a discussão teórica se desenrolava no Rio de Janeiro, a Polícia Federal concluía, na quarta-feira, duas operações contra quadrilhas de traficantes de classe média que abasteciam a Zona Sul da cidade com drogas sintéticas e forneciam armas aos bandidos dos morros. Os moradores do condomínio Lagoa Azul, na Lagoa, bairro nobre do Rio, assistiram, logo ao acordar, a uma cena comum apenas nas favelas vizinhas. Dezenas de policiais vasculhavam o edifício. O carro de quem saía de casa para o trabalho era revistado. Muitos perguntavam se um assalto ocorrera no prédio e se os policiais procuravam os bandidos. Ninguém imaginava que os agentes caçavam o vizinho da cobertura, avaliada em R\$ 1,2 milhão, acusado de tráfico de drogas. Henrique Dornelles Forní, o Greg, de 25 anos, foi um dos 51 presos nas operações em diversos Estados.

Greg seria, segundo a polícia, um exemplo de “mauricinho” de classe média alta que saltou do consumo em festas para o tráfico internacional. A polícia diz que Greg era o cabeça de uma das quadrilhas, que usavam prostitutas e desempregados para transportar cocaína do Paraguai e da Argentina para a

ROTINA

O professor de judô Henrique Dornelles (acima), acusado de integrar quadrilha de tráfico de drogas, é preso pela Polícia Federal em operação no Rio. O lucrativo comércio de drogas não atrai mais apenas os pobres. A ONU estima que o tráfico movimentou cerca de US\$ 5 bilhões por ano no Brasil

Quem é o consumidor



- Homem,** jovem e da classe A
- 85%** são brancos
- 62%** estão na classe A
- 60%** deles têm de oito a 11 anos de estudo
- 80%** ocupam a posição de filhos dentro de casa
- 49%** têm cartão de crédito
- 35%** têm cheque especial

Fonte: Pesquisa “O estado da juventude: drogas, prisões e acidentes”, do pesquisador Marcelo Neri (FGV)



As drogas custam caro

Reprimir os usuários e os viciados consome dinheiro público, que poderia ser aplicado em outras áreas

174 bilhões de libras por ano é o custo de crimes relacionados às drogas para o Reino Unido

US\$ 6 bilhões por ano é o que gastam os Estados americanos para manter na cadeia pessoas presas por problemas com drogas

Só regimes ditatoriais na China e no Afeganistão conseguiram reduzir radicalmente a produção e o consumo de drogas

Europa. Lutadores de artes marciais também estariam envolvidos no esquema, levando a droga engomada em seus quimonos. Na Europa, a droga era trocada por pilulas de ecstasy, que custavam R\$ 1,50 cada uma e eram revendidas no Rio, por R\$ 20. Cada viagem custava à quadrilha R\$ 20 mil e rendia R\$ 250 mil, já descontados os R\$ 4 mil pagos ao “mula” (o transportador). Além do dinheiro, havia a sensação de impunidade.

“O que aconteceu com esses jovens tem tudo a ver com os objetivos a longo prazo da comissão latino-americana”, diz Rubem César Fernandes, diretor da ONG Viva Rio. “A política de repressão pura e simples cria oportunidades para o crime e reforça a tendência de desvios na classe média, especialmente no consumo de ecstasy, presente em todas as raves. Na Europa, a política tem sido colocar nas festas não policiais, mas agentes de saúde. Quando veem alguns jovens ‘brilhando’ demais, fazem coleta de sangue, mandam para casa. Essa rapaziada que começa a comprar de amigos e vê que pode ficar rico comprando e revendendo entra no crime sem nem se dar conta. Porque não há conversa, informação, prevenção. A proibição é um estímulo ao desvio.” Fernandes, que admite já ter sido viciado em maconha quando vivia nos Estados Unidos, afirma que, futuramente, a saída para minar o tráfico talvez seja a legalização de todas as drogas, com o comércio regulado. Nem todos concordam.

O pai de Greg, o publicitário Paulo de Tarso Forni, afirma que o rapaz fuma maconha desde os 14 anos, com permissão médica, porque sofre de dislexias e fobias: “Faz mal fumar? Eu não discrimino ninguém que fuma maconha”. Greg só teria deixado o país uma única vez nos últimos sete anos, para uma viagem à Disney. “Ele vive lavando roupas de mendigos, tem um grande coração. Devia ser candidato a vereador”, diz o pai. A incredulidade de Paulo de Tarso é a mesma dos pais de outros jovens. Na sede da PF, onde os rapazes estão presos, duas mães desmaiaram.

A história de Greg alimenta a grande fantasia da maconha como porta de entrada para os maiores pesadelos paternos: a dependência de drogas pesadas – como crack e cocaína – e o envolvimento com o crime. Ele não só comprava e vendia balinhas. Greg teria arrendado duas bocas de fumo no

morro. Segundo a polícia, Greg passava seus dias na Lagoa e, à noite, trabalhava na boca de fumo, de fuzil na mão. Para a família, dizia que estava em baladas na “night”.

Mas o caso de Greg é uma exceção entre os usuários da maconha. Uma pesquisa recente da Beckley Foundation, instituição criada em 2000 na Inglaterra, desmente a tese, frequente entre os adversários da legalização do consumo da maconha, da “porta de entrada”: “Só 5% dos consumidores de *Cannabis* usam drogas pesadas”, diz o estudo.

“O Rio é uma cidade sitiada por causa do comércio de cocaína e, de repente, uns garotos tiram a atenção do que é mais importante”, afirma Mauro Lima, diretor do filme *Meu nome não é Johnny* – baseado na história real de um rapaz rico que vira traficante internacional. A realidade é conhecida dos moradores de qualquer cidade grande no Brasil. A menos de 1 quilômetro da casa de qualquer latino-americano ou norte-americano, diz o ex-presidente FHC, a maconha está disponível. Mas quem fuma maconha

Só 5% dos consumidores de maconha usam drogas pesadas, diz um estudo

não dispõe da ajuda do sistema de saúde pública. Caso se torne um dos 10% que, em algum momento da vida, se tornam dependentes ou viciados, ele não terá assistência do Estado.

Os psiquiatras dizem que o usuário não pode ser considerado criminoso. O correto seria tratá-lo como alguém que pode ter problemas de saúde. “É óbvio que a maconha faz mal, mas quantas pessoas você conheceu que morreram por uso abusivo de maconha? Eu não conheço ninguém”, diz Magda Vaissman, pesquisadora do Programa de Ensino e Assistência ao Uso Indevido de Álcool e Drogas, do Instituto de Psiquiatria da UFRJ. “Mas casos de pessoas que morreram por beber ou fumar cigarros de forma abusiva existem aos montes.”

“O tabagismo é considerado a maior causa evitável de doença e morte no mundo”, diz a pesquisadora Analice Gigliotti, presidente da Associação Brasileira de Estudos do Álcool e Outras Drogas – a favor da descriminalização (do consumo), mas contra a legalização (da venda). Ela faz um paralelo entre tabaco, álcool e maconha. “O cigarro mata metade de seus usuários precocemente – de câncer, doenças pulmonares e cardiovasculares. Mas não provoca alteração de comportamento”, afirma. A maconha, segundo ela, tem um potencial de vício inferior ao do tabaco e comparável ao do álcool. Mas vicia, com ▶



direito a síndrome de abstinência e tudo. Pode provocar câncer, prejudicar a capacidade de aprendizado e perda dos reflexos motores, o que também aumenta acidentes de trânsito.

A pesquisa da Beckley Foundation relaciona ansiedade, paranoia e sintomas psicóticos entre os efeitos do uso da maconha em altas doses. Mas sustenta que as consequências para a saúde são menos danosas que as do álcool. Mais da metade dos brasileiros bebe. E os números da violência confirmam a profunda relação do álcool com o crime. Ele está relacionado a: 86% dos homicídios; 60% dos abusos sexuais; 37% dos assaltos; 13% dos abusos de crianças; 60% dos homens e 25% das mulheres envolvidos em violência doméstica.

A revista científica britânica *The Lancet* publicou, em 2007, uma pesquisa liderada pelo professor David Nutt, da Universidade de Bristol. O estudo classificava as drogas de acordo com três fatores: dano físico

ao usuário, potencial de vício e impacto na sociedade. Os pesquisadores solicitaram a psiquiatras especializados em tratamento de viciados e policiais com conhecimentos

médicos ou científicos uma pontuação para 20 drogas, incluindo heroína, cocaína, ecstasy, anfetaminas e LSD. A heroína e a cocaína foram apontadas como as mais perigosas, seguidas de barbitúricos. O álcool foi a quinta substância mais danosa. O tabaco ficou com a nona posição. A maconha ficou com a 11ª posição. Nas últimas posições da lista ficou o ecstasy. “É o primeiro passo em direção a uma classificação de drogas baseadas em evidências”, afirmou na época o pesquisador Leslie Iversen, da Universidade de Oxford, que não participara do estudo.

Trata-se de uma dificuldade real. Em 1998, a revista britânica *New Scientist* publicou uma reportagem afirmando que a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirara de seu relatório sobre a maconha um capítulo que mostraria quanto ela seria menos perigosa que álcool e cigarro. De acordo com a *New Scientist*, a OMS teria sofrido pressão do governo americano. A OMS rebateu, dizendo que o capítulo caiu por falta de estudos para basear essas evidências.

Quem defende a legalização do uso da maconha costuma usar o argumento da Lei Seca: a proibição do álcool nos EUA entre 1919 e

1933 aumentou o consumo e gerou crime e violência. E cita o exemplo recente do tabaco, cujo uso é sete vezes maior que o da maconha, mas vem se tornando uma droga antissocial sem que os fumantes sejam presos – somente com fortes campanhas de conscientização e restrição de espaços. Quem é contra a legalização está convicto de que o consumo e o vício aumentariam brutalmente na juventude e que a existência de drogas danosas liberadas não justifica legalizar mais uma. Mesmo os partidários da legalização de todas as drogas acreditam num processo gradual, que seja adotado em todo o planeta, para que um país de lei mais liberal não sirva de refúgio aos traficantes perseguidos nos demais.

Muitas perguntas continuam sem resposta. Duas delas são básicas. De que adianta descriminalizar o uso da maconha se o comércio for mantido ilegal? Comprar pode, mas vender não? Uma saída – somente no caso da maconha – seriam as plantações domésticas, tendência em alguns países. “A resposta para isso tem sido microprodução”, diz Fernandes, do Viva Rio. “Na Califórnia, é permitida a produção doméstica. Os usuários nem gostam da ideia de passar a produção às empresas de cigarro.

Na Holanda, é permitido o cultivo de até cinco pés da planta em casa. Na Bélgica e na Espanha, até dois.” Dessa forma, o usuário não só garantiria a qualidade do produto, mas também ficaria longe dos traficantes. O consumo se dissociaria do crime organizado.

Já se sabe que nem o policial nem o juiz – e provavelmente nem os pais – impedem um jovem de experimentar ou continuar a consumir drogas, legais ou ilegais. Se é utopia imaginar um mundo livre de drogas, também é ingênuo supor que o ser humano trate de questões polêmicas sem considerar seu aspecto moral. Governos, ao estabelecer políticas, devem dar o exemplo e ser realistas. Os indivíduos escolherão o certo e o errado de acordo com sua formação, educação ou religião. Hoje, é praticamente consenso que o usuário de qualquer droga, não apenas maconha, não deve ser tratado como criminoso. Acima de tudo, deve prevalecer a visão do filósofo inglês John Stuart Mill (1806-1873): “Sobre si e sobre o próprio corpo, o indivíduo é soberano”. ◆

Com Martha Mendonça, Nelito Fernandes, Wálter Nunes e Rafael Pereira

Eles já foram punidos

Esportistas e artistas tiveram problemas pelo uso da maconha

Michael Phelps Nadador

O campeão olímpico foi suspenso por três meses por ter sido fotografado inalando maconha em uma festa



Soninha Vereadora

Ela perdeu o emprego de apresentadora na TV Cultura porque disse a *EPOCA*, em 2001, que fumava maconha



Marcelo D2 Cantor

Ele afirma fumar maconha todos os dias e já foi preso após um show, quando defendeu a liberação da droga



Marcello Antony Ator

Foi preso em 2004 quando comprava uma pequena quantidade de maconha de um traficante



Giba Jogador de vôlei

Foi suspenso do esporte em 2003 porque um exame antidoping acusou o uso de maconha

